

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

COMO ANISTIAR O POETA EXILADO POR SÓCRATES?

Fernando Santoro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Acredito que a melhor maneira de compreender o entrelaçamento da problematização da arte entre Platão e Aristóteles pode ser vislumbrada a partir de um desafio que lança o próprio Sócrates (habilíssimo Platão!), depois de decretar aquela expulsão: “*Mesmo assim, fique dito que, se a poesia imitativa que visa ao prazer pudesse apresentar um argumento que prove que é necessário que ela tenha um lugar numa cidade bem administrada, prazerosos, nós a acolheríamos porque temos consciência de que ela exerce um encanto sobre nós.*” Rep. 607c Este desafio pela boca irônica de Sócrates mais parece um desafio lançado pelo próprio Platão aos seus discípulos da Academia. E quem aceitou e venceu este desafio senão aquele que foi o melhor discípulo da Escola? A Poética de Aristóteles enfrenta o desafio, buscando mostrar a utilidade moral e política em cada uma das três acusações imputadas à poesia: a de ser falsa, de ser traiçoeiramente sedutora, e de ser deformadora do caráter emocional. Acusações de caráter noético, estético e patético.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles, *Poética*, Platão, *República*, poesia

RÉSUMÉ: Je crois que la meilleure façon de comprendre le rapport de la discussion sur l’art entre Platon et Aristote peut être perçue par le défi que pose Socrate lui-même (habile Platon!) après avoir prononcé la fameuse expulsion : « De toute façon, soit dit que, si la poésie mimétique qui envisage le plaisir peut présenter un argument prouvant qu’il est nécessaire qu’elle tienne place dans une cité bien gouvernée, volontiers nous la recevrons car nous avons conscience qu’elle nous charme. » Rep. 607c ce défi sorti de la bouche ironique de Socrate semble plutôt un défi posé par Platon lui-même aux disciples de l’Académie. Et qui l’aurait accepté et vaincu sinon celui qui était le meilleur élève de l’École ? La Poétique d’Aristote s’avance pour montrer l’utilité morale et politique dans chacune des trois accusations imputés à la poésie : qu’elle trompe, qu’elle séduit, qu’elle déforme le caractère émotionnel. Accusations d’ordre noétique, esthétique et pathétique.

MOT-CLEFS: Aristote, *Poétique*, Platon, *Republique*, poésie

Sem dúvida, a especulação aristotélica sobre a obra de arte está inserida numa tradição platônica; parte de muitos de seus princípios e enfrenta os problemas por ela levantados. Por isso, alguns dos seus conceitos-chave são retomados; a visada ainda é centrada no tema da educação do cidadão capaz de agir e cuidar das virtudes de si e da cidade; e os objetos de discussão são principalmente os poemas épicos e a dramaturgia.

O enquadramento da poesia entre as artes miméticas não é uma invenção aristotélica.

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

Já Sócrates, na *República* de Platão, define a poesia como imitação. Sócrates o faz explicitamente para denegrir a poesia, para torná-la de mesmo valor que a pintura ou escultura, coisa de artesãos (*bánausoi*), profissão de artífices manuais, socialmente inferiores na hierarquia da cidade antiga. A perplexidade com que os cidadãos comuns recebem esta teoria, a ponto de acolherem as acusações de impiedade contra Sócrates por este ter tentado contra a sacralidade da poesia tradicional e seus deuses¹, demonstra o quanto, para os gregos antigos, o valor da arte poética era divinizado e diferenciado do valor das artes plásticas em geral, as quais sequer eram distintas das demais atividades produtivas; de modo que não havia o pintor em abstrato, mas o oleiro que pinta seus vasos; não havia o escultor, mas uma equipe de mestres, pedreiros e carpinteiros que edifica o templo, e assim por diante. E o poeta é uma classe totalmente outra, próxima a dos inspirados e possuídos, profetas e sacerdotes: os sábios tradicionais.

Dizer que a poesia é imitação, para a teoria apresentada na *República*, é distanciá-la duplamente da verdade, pois em primeiro lugar está a verdade na idéia em si mesma de algo; se um artesão vislumbra esta idéia e produz um objeto, este é gerado a certa distância da verdade, e se um poeta canta nos seus versos este objeto, então ele está afastado mais ainda da verdade. O poeta, sendo imitador, é um artífice de segunda categoria, o mais afastado da verdade, próximo aos prestidigitadores e ilusionistas, porque não produz mais do que sombra das coisas². Isto é quase uma afronta ao senso comum dos gregos, que cultuavam seus poetas como os mais sábios dentre os homens, porta-vozes de seu panteão tradicional e do conhecimento das virtudes.

Aristóteles herda de Platão a categoria de “arte mimética”, mas, ao menos no tocante ao que nós chamamos de artes literárias, ele está disposto a resgatar-lhes aquele valor arcaico tradicional de sabedoria e verdade. Já no que diz respeito às outras artes miméticas, as não literárias, Aristóteles, por omissão, as deixa no mesmo patamar em que sempre estiveram: ofício de artesão, atividade socialmente inferior, servil. Quando muito, o Filósofo faz uma distinção entre os mestres arquitetos e os que simplesmente obram com as mãos³. Tal distinção ainda salva do total desprestígio alguém como Fídias, o arquiteto e mestre escultor

¹ É significativo o fato de um dos acusadores de Sócrates, e o mais feroz, Meleto, representar os poetas.

² Sofista, 234b-235a

³ Metafísica 981a.

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

dos monumentos da Atenas de Péricles. Quer dizer: se Aristóteles chegou a enquadrar num mesmo gênero mimético as artes literárias e as artes plásticas, como certamente o fez Platão, não era por dar-lhes o mesmo “valor artístico”. A *mimesis* aristotélica é um contraponto à *mimesis* de Platão: ela não define o valor artístico (baixo), mas vem resgatar o valor de verdade. Se, para Platão, a imitação era o distanciamento da verdade e o lugar da falsidade e da ilusão, para Aristóteles, a imitação é o lugar da semelhança e da verossimilhança, o lugar do reconhecimento e, assim, da representação.

Mas o Sócrates da *República* não denegriu a poesia apenas por seu caráter mimético, capaz de produzir falsidades e sofismas. As razões que levaram Sócrates a expulsar os poetas da cidade que se quer conservar justa vão além do problema de conteúdo falso das representações miméticas: vão alcançar o caráter sedutor da obra de arte (o valor propriamente estético) e também a sua capacidade de produzir sentimentos (o poder patético)⁴. Para o Sócrates da *República*, a beleza sensível da obra de arte serve para atrair pelo prazer o jovem incauto para as garras malélicas da falsidade e dos sentimentos fracos. Especialmente as artes dramáticas amoleceriam os sentimentos dos jovens, desvirtuando-lhes o caráter: a comédia torna-os propensos ao despudor, enquanto a tragédia lhes incute as fraquezas do terror e da compaixão.⁵

O problema da falsidade chega a ser atenuado por Sócrates, à condição de o conteúdo dos mitos ser regulamentado pelos guardiões filósofos, de modo que o jovem seja modelado segundo uma harmonia virtuosa do caráter, para cuja obtenção até seria permitido algum tipo de mentira benfazeja⁶. Mitos que dariam exemplos de heróis virtuosos e deuses justos, e que propiciariam a formação de homens semelhantes àqueles. A filosofia até pode salvar o conteúdo dos mitos épicos, mas o efeito da comédia e da tragédia sobre as paixões, este não tem cura. A sentença socrática é impiedosa, como deve ser a atitude de um guardião da justiça: a poesia é agradável e charmosa, ninguém discute, mas que vá perfumar outros ares que o da nossa boa cidade!

Sem dúvida, o platonismo nunca se viu muito à vontade com essa atitude socrática, sobretudo confrontado com o próprio gênero do diálogo que, sendo dramático, ora resvala na

⁴ Cf. Destrée (2003).

⁵ Cf. Rep. 606a-c

⁶ Cf. Rep. 382 c-d ; 389 b

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

comédia, ora na tragédia⁷. Na *Poética*⁸, Aristóteles não hesita em considerar os diálogos socráticos mais um entre os gêneros miméticos do discurso (*lógos*). Mas é inegável que o Sócrates da *República* expulsa, se não todo poeta, com certeza o comediógrafo e principalmente o compositor de tragédias.

Acredito que uma maneira interessante de compreender o entrelaçamento da problematização da arte entre Platão e Aristóteles, pode ser vislumbrada a partir de um desafio que lança o próprio Sócrates (habilíssimo Platão!), depois de decretar aquela expulsão⁹:

Mesmo assim, fique dito que, se a poesia imitativa que visa ao prazer pudesse apresentar um argumento que prove que é necessário que ela tenha um lugar numa cidade bem administrada, prazerosos, nós a acolheríamos porque temos consciência de que ela exerce um encanto sobre nós.

Concederíamos também a quantos, entre todos os seus patronos, não são poetas, mas amantes da poesia, que digam em sua defesa, com um discurso sem métrica, que ela não só é agradável, mas também útil em relação à cidade e à vida humana, e com boa vontade os ouviremos¹⁰

ὅμως δὲ εἰρήσθω ὅτι ἡμεῖς γε, εἴ τινα ἔχοι λόγον εἰπεῖν ἢ πρὸς ἡδονὴν ποιητικὴ καὶ ἢ μίμησις, ὡς χρὴ αὐτὴν εἶναι ἐν πόλει εὐνομούμενη, ἄσμενοι ἂν καταδεχοίμεθα, ὡς σύνηθες γε ἡμῖν αὐτοῖς κηλουμένοις ὑπ' αὐτῆς·

Δοῖμεν δὲ γέ που ἂν καὶ τοῖς προστάταις αὐτῆς, ὅσοι μὴ ποιητικοί, φιλοποιηταὶ δὲ, ἄνευ μέτρου λόγον ὑπὲρ αὐτῆς εἰπεῖν, ὡς οὐ μόνον ἡδεῖα ἀλλὰ καὶ ὠφελίμη πρὸς τὰς πολιτείας καὶ τὸν βίον τὸν ἀνθρώπινον ἔστιν· καὶ εὐμενῶς ἀκουσόμεθα. κερδανούμεν γάρ που εἰ μὴ μόνον ἡδεῖα φανῆ ἀλλὰ καὶ ὠφελίμη.

Este desafio pela boca irônica de Sócrates mais parece um desafio lançado pelo próprio Platão aos seus discípulos da Academia. E quem aceitaria e venceria este desafio senão aquele que foi o melhor discípulo da Escola?

A *Poética* de Aristóteles enfrenta o desafio, buscando mostrar a utilidade moral e política em cada uma das três acusações imputadas à poesia: a de ser enganadora, de ser traiçoeiramente sedutora, e de ser deformadora do caráter emocional. Acusações de caráter noético, estético e patético.

⁷ Cf. Wilamowitz-Moellendorff, *Platon : sein Leben und seine Werke*, 1959, pp.307-308

⁸ Poet. 1447b 11

⁹ Rep. 607 c-d

¹⁰ Trad. Anna Lia de A. A. Prado (2006).

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

Já adiantamos em algum sentido a refutação da falsidade da poesia mimética, que para Aristóteles não é simuladora mas verossímil. O seu sentido não emana do engano de passar uma aparência por uma essência, mas da verdade proveniente da representação. A imagem da fera não quer ser a fera – nem quer assustar como se o mesmo fosse, mas a imagem da fera mostra como ela é, até para aquele que nunca teve a oportunidade de estar diante de um espécime real. Não apenas a representação não engana, ela também é capaz de ensinar, de dar a ver as coisas, em estado de mais fácil contemplação, na plácida segurança da imagem.

E Aristóteles não apenas vê um caráter didático na representação mimética. Ele também atribui ao poeta uma visada sobre o real que o aproxima da perspectiva universal de conhecimento, como o filósofo. É que o poeta trata em seus enredos daquilo que é possível de acontecer, quando segue as regras da verossimilhança e da necessidade, como vemos no cap.9.¹¹

O ofício do poeta não é descrever coisas acontecidas, ou ocorrência de fatos. Mas isso quando acontece, é segundo as leis da verossimilhança e da necessidade. [...] A diferença entre historiador e poeta é a de que o primeiro descreve fatos acontecidos e o segundo fatos que podem acontecer. Por isso que a poesia é mais elevada e filosófica que a história; a poesia tende mais a representar o universal, a história, o particular. A idéia de universal é ter um indivíduo de determinada natureza, em correspondência às leis da verossimilhança e da necessidade.

οὐ τὸ τὰ γενόμενα λέγειν, τοῦτο ποιητοῦ ἔργον ἐστίν, ἀλλ' οἷα ἂν γένοιτο καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον. ὁ γὰρ ἱστορικὸς καὶ ὁ ποιητὴς [...] τούτῳ διαφέρει, τῷ τὸν μὲν τὰ γενόμενα λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν γένοιτο. διὸ καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποίησις ἱστορίας ἐστίν· ἢ μὲν γὰρ ποίησις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἢ δ' ἱστορία τὰ καθ' ἕκαστον λέγει. ἐστὶν δὲ καθόλου μὲν, τῷ ποίῳ τὰ ποῖα ἄττα συμβαίνει λέγειν ἢ πράττειν κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον

Repare-se que o poeta, por mostrar o universal como possível, na imitação de uma ação concretizada num indivíduo, deste modo torna mais evidente o próprio universal: crie uma situação exemplar. Assim, o filósofo, sobretudo o filósofo que pensa as questões da ação humana, o filósofo da teorização ética, nunca deixará de servir-se destes modelos de ação que são as personagens das epopéias e das tragédias, para compreender a natureza

¹¹ *Poet.* 1451a 36 – b 11

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

humana e para extrair lições e sugestões que iluminem as difíceis horas de decisão. Redime-se assim o problema noético da *mímesis* pela utilidade didática da representação.

Tarefa mais difícil, porém, é refutar o fato de que a comédia produz falta de pudor e, sobretudo, que a tragédia produz terror e piedade. Todos sabemos que os dramas produzem mesmo estes sentimentos. Por isso, a saída de Aristóteles não podia ser mais genial: os efeitos destes sentimentos nos espectadores não são enfraquecedores, mas depurativos, catárticos!

Na *Política*, enquanto trata da educação humana na cidade, Aristóteles faz uma clivagem decisiva para o domínio das artes. Uma diferença que o Filósofo colhe no domínio musical, quando separa a música em didática ou ética, de um lado, e orgiástica ou catártica, de outro.¹²

Ademais, a flauta não é da ordem dos costumes, mas sim, ela é orgiástica, de modo que se deve se servir dela naquelas circunstâncias nas quais o espetáculo tem o poder de purgar, não o de ensinar

ἔτι δὲ οὐκ ἔστιν ὁ ἀλλὸς ἠθικὸν ἀλλὰ μᾶλλον ὀργιαστικόν, ὥστε πρὸς τοὺς τοιοῦτους ἀντὶ καιροῦς χρηστεόν ἐν οἷς ἡ θεωρία κάθαρσιν μᾶλλον δύναται ἢ μάθησιν

A música catártica ou orgiástica, a despeito da colossal bibliografia que se produziu sobre o tema da catarse em Aristóteles, continua misteriosa. O que sabemos, resume-se a algumas passagens da *Política*, a qual, quando poderia aprofundar a questão, simplesmente a remete¹³ para o que já se tinha tratado na Poética. Na Poética, porém, sobrou-nos apenas a menção da purgação das afecções ligadas ao terror e à compaixão, na definição da tragédia. Menção das mais enigmáticas e discutidas de toda a História da Filosofia. Reparemos, contudo, que Aristóteles retoma justamente as duas afecções que, na tragédia, Platão considerava prejudiciais: terror e compaixão.

Aristóteles associa esta música orgiástica aos delírios bacantes, e sabemos que muitas festas e rituais religiosos eram denominados de catárticos, purificadores ou purgadores.¹⁴

¹² *Pol.* 1341a21

¹³ *Pol.* 1341b 38

¹⁴ *Pol.* 1342a 4 – b 15

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

Pois a paixão está unida a algumas almas de modo intenso, embora ela subsista em todas, diferindo-se pela menor e pela maior intensidade e tendo como exemplos a piedade, o medo e o entusiasmo; pois alguns que são possuídos por essas perturbações, vemo-los por causa dos cantos sagrados, no momento em que se prestam aos cantos suas almas são lançadas em delírio, apresentando-se como os que se encontram sob tratamento e purgação; isto mesmo então é forçoso que sofram tanto os piedosos quanto os medrosos e os que em geral são sensíveis, e os outros na medida em que o mesmo se lança sobre cada um deles; e a todos ocorre uma purgação e sentem alívio junto com prazer.

ὁ γὰρ περὶ ἐνίας συμβαίνει πάθος ψυχᾶς ἰσχυρῶς, τοῦτο ἐν πάσαις ὑπάρξει, τῷ δὲ ἦττον διαφέρει καὶ τῷ μᾶλλον, οἷον ἔλεος καὶ φόβος, ἔτι δ' ἐνθουσιασμός; καὶ γὰρ ὑπὸ ταύτης τῆς κινήσεως κατοκώξιμοί τινές εἰσιν, ἐκ τῶν δ' ἱερῶν μελῶν ὀρώμεν τούτους, ὅταν ξρήσωνται τοῖς ἐχοργιάζουσι τὴν ψυχὴν μέλεσι, καθισταμένους ὡς τερψικῆς τυξόντας καὶ καθάρσεως; ταῦτο δὲ τοῦτο ἀναγκαῖον πάσχειν καὶ τοὺς ἐλεήμοντας καὶ τοὺς φοβητικούς καὶ τοὺς ὄλως παθητικούς, τοὺς δ' ἄλλους καθ' ὅσον ἐπιβάλλει τῶν τοιούτων ἐκάστω, καὶ πᾶσι γίγνεσθαι τινα κάθαρσιν καὶ κουφίζεσθαι μεθ' ἡδονῆς.

A “*kátharsis*” aparece frequentemente no vocabulário religioso e, posteriormente, no vocabulário medicinal grego. Aristóteles mesmo usa o termo menos na teoria da arte, contando apenas com as obras que nos restaram, e muito mais em contextos de descrição de fisiologia biológica, em que não apenas refere-se a uma técnica medicinal, mas também à poda das vinhas, ao crescimento de cabelos e chifres nos animais ou ao fluxo menstrual das mulheres, entre outros.

O mais interessante, no que toca a teoria da Arte, é que a função catártica das músicas opera na transformação das emoções humanas, tais como o terror, a compaixão, e outras que tais. E Aristóteles percebe que a provocação e a transformação das emoções humanas nas obras poéticas é algo tanto ou até mais importante que a expressão de valores e conteúdos morais. Não fora isto, e a catarse das emoções não seria considerada como a finalidade mesma da tragédia.¹⁵

O que quis dizer exatamente Aristóteles ao escrever que a tragédia, mediante a piedade e o medo, produz uma catarse: uma “purgação”, ou “purificação”? Trata-se de uma extirpação ou erradicação, de uma moderação ou suavização, ou de uma clarificação das próprias emoções? As teorias sobre o tema são muitas, e não cabe discuti-las aqui, mas na perspectiva de uma resposta àquele desafio platônico, vemos que Aristóteles consegue justificar a

¹⁵*Poet.* 1449b 26-27

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

utilidade moral de produzir terror e piedade como um certo tratamento homeopático que, pela representação de situações terríveis e a provocação das respectivas emoções no expectador, não o enfraquece como a um covarde compassivo, mas o torna mais puro, mais forte. Assim fica redimida a tragédia.

A situação dos sentimentos da comédia segue aproximadamente a mesma lógica: enquanto imitações de caracteres mesquinhos, eles produzem escárnio, que não é o prazer pelo ato mesquinho, mas o prazer de censurá-lo, diminuí-lo. A falta de vergonha das personagens cômicas corrobora justamente o reconhecimento das mesquinhas humanas, e o riso faz com que não fiquemos ressentidos com a revelação de nossas vilanias, mas felizes com o seu reconhecimento e censura. O bufão, o cínico, o palhaço é aquele que pode tocar nas pequenas feridas sem suscitar reações violentas. Não há enquadramento moralizante mais forte do que o riso que desmascara a baixeza.

Falta somente redimir a poesia de seu caráter propriamente estético, sedutor, de sua beleza. Mas isto nem é mais preciso, porque a sedução só era vil porquanto conduzia com mais força ao engano noético e ao enfraquecimento patético. Se não há rochedos e recifes, Ulisses não precisa ficar amarrado ao mastro. Mas é preciso finalmente redimir a poesia do dever de ser útil, ela precisa ser plenamente livre para ser bela.

Se a realização da obra de arte é voltada para a beleza, podemos entender que a finalidade primeira da obra de arte está, de certo modo, já na sua simples presença, ela deve ser autônoma e bastar-se a si mesma, de nada mais carecer. Na *Poética* há uma única menção sobre a beleza do mito poético:¹⁶

O belo, seja um ser animado, seja qualquer outro objeto, desde que igualmente constituído de partes, não só deve apresentar nessas partes certa ordem própria, mas também deve ter, e dentro de certos limites uma grandeza própria; de fato, o belo consta de grandeza e de ordem; portanto, não pode ser belo um organismo excessivamente pequeno, porque nesse caso a vista confunde-se, atuando num momento de tempo quase imperceptível; e tampouco um organismo excessivamente grande, como se se tratasse, por exemplo, de um ser de dez mil estádios, porque então o olho não pode alcançar todo o objeto no seu conjunto, e fogem, a quem olha, a unidade e a sua orgânica totalidade [...]

ἔτι δ' ἐπει τὸ καλὸν καὶ ζῶον καὶ ἅπαν πρᾶγμα ὃ συνέστηκεν ἐκ τιῶν οὐ μόνον ταῦτα τεταγμένα δεῖ ἔχειν ἀλλὰ καὶ μέγεθος ὑπάρχειν μὴ τὸ τυχόν· τὸ γὰρ καλὸν ἐν μεγέθει καὶ τάξει ἐστίν, διό

¹⁶ 1450 b 34-1451 a 4

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

οὔτε πάμμικρον ἄν τι γένοιτο καλὸν ζῶον συγγεῖται γὰρ ἡ θεωρία ἐγγύς τοῦ ἀναισθήτου χρόνου γινομένη) οὔτε παμμέγεθες οὐ γὰρ ἅμα ἡ θεωρία γίνεται ἀλλ' οἴχεται τοῖς θεωροῦσι τὸ ἐν καὶ τὸ ὅλον ἐκ τῆς θεωρίας) οἷον εἰ μυρίων σταδίων εἴη ζῶον· ὥστε δεῖ καθάπερ ἐπὶ τῶν σωμάτων καὶ ἐπὶ τῶν ζῶων ἔχειν μὲν μέγεθος, τοῦτο δὲ εὐσύνοπτον εἶναι

Há uma precisa interpretação desta passagem, escrita por Fernando Pessoa, nas suas Obras Estéticas¹⁷:

O fim da arte é imitar perfeitamente a Natureza. Este princípio elementar é justo, se não esquecermos que imitar a Natureza não quer dizer copiá-la, mas sim imitar os seus processos. Assim a obra de arte deve ter os característicos de um ser natural, de um animal; deve ser perfeita, como são, e cada vez mais o vemos quanto mais a ciência progride, os seres naturais; isto é, deve conter quanto seja preciso à expressão do que quer exprimir e mais nada, porque cada organismo considerado perfeito, deve ter todos os órgãos de que carece, e nenhum que lhe não seja útil.

Acima de tudo, o homem se compraz na representação e na expressão, das quais até pode decorrer como conseqüência uma experiência de aprendizagem ou de constituição de sentimentos morais. Está na natureza do homem o caráter mimético, por isso ele representa o mundo e tem linguagem, por isso ele se compraz em conhecer e reconhecer, em experimentar e saborear as diferenças do real.¹⁸

O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreendem as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado.

τό τε γὰρ μιμεῖσθαι σύμφυτον τοῖς ἀνθρώποις ἐκ παιδῶν ἐστὶ καὶ τούτω διαφέρουσι τῶν ἄλλων ζῶων ὅτι μιμητικώτατόν ἐστι καὶ τὰς μαθήσεις ποιεῖται διὰ μιμήσεως τὰς πρώτας, καὶ τὸ χαίρειν τοῖς μιμήμασι πάντας.

O prazer da obra de arte não é, todavia, um prazer simples, unicamente decorrente da força expressiva da representação, ou da harmonia orgânica da unidade das partes. As obras de arte podem e devem suscitar emoções e comoções pelas ações representadas, de modo que quem as contemple venha a experimentar sentimentos perturbadores como os de angústia e de horror. A beleza mais sublime pode produzir vertigem e mesmo ferir. Mas esta dor, profundamente sentida na beleza, paradoxalmente, não repugna, mas atrai; não destrói, mas purga e purifica. Pode até não servir para nada, mas é indispensável.

¹⁷ *Idéias Estéticas*, Obras em Prosa. Rio de Janeiro: N. Aguilar, 1974, 1986, p.231

¹⁸ *Poet.* 1448b 4.

Santoro, Fernando
Como anistiar o poeta exilado por Sócrates?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES, *De Arte Poetica Liber*. Oxford: Clarendonian press, 1965, 1982 (Ed. Kassel)
- Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Ed. E. Souza)
- On Comedy*, [texto, tr., com.] Londres, Duckworth, 1984 (Ed. R. Janko)
- De arte poetica líber*. ed. 3, Leipzig 1885 (ed. 1 = 1867, ed. 2 = 1874), Hildesheim, 1964 (Ed. Vahlen)
- La Poétique*. [texto, tr., com.] Paris 1980 (Ed. Dupont-Roc, R.; Lallot, J.)
- Aristotelis Opera*, Berlin, Academie der Wissenschaften, 1831 (Ed. I. Bekker)
- Poética de Aristóteles*. Ed. trilingüe [texto, tr., com.] Madrid, Gredos, 1974 (Ed. V. G. Yebra)
- Tratado Coisliniano*. São Paulo: Letras Clássicas - USP, 2004. (Ed. F. Santoro)
- Política*. [texto, tr.] Lisboa, Vega, 1998 (Ed. A.C. Amaral & C.C. Gomes)
- BONITZ, Hermann, *Aristotelis Opera*, Immanuelis Bekkeri, Acad. Regia Borussica, ed. 2 Berlin 1870, reed. O. Gigon, Bruxelles, W. De Gruyter, 1961, Vol. V. Index Aristotelicus
- DESTREE, Pierre *Education morale et catharsis tragique*, Les Études Philosophiques 2003, no.4, 518-35
- HAEFLIGER, Hermina, *La Poétique d'Aristote. Une synthèse et une intégration dans la méthodologie d'Aristote*, Toulouse, Kairos, nº9, 1997
- HALLIWELL, S. *Pleasure, understanding and emotion in Aristotle's Poetics, Essays on Aristotle's Poetics* ed. A.O. Rorty (Princeton, N.J. 1992) 241-60
- JANKO, R. *Aristotle on Comedy. Towards a reconstruction of Poetics II*, Londres, 1984
- REY PUENTE, Fernando. *A kátharsis em Platão e Aristóteles*. In: *Kátharsis: reflexões de um conceito estético*. R. Duarte, V. Figueiredo, V. Freitas e I. Kangussu (Org.). Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 71-79, p. 10-25.
- PESSOA, F. *Idéias Estéticas*, Obras em Prosa. Rio de Janeiro: N.Aguilar, 1974, 1986
- PLATÃO. *A República*: São Paulo, Martins Fontes, 2006 (Trad. A. L. Almeida Prado)
- RORTY, A.O. *Essays on Aristotle's Poetics*, Princeton 1992
- SANTORO, Fernando J., *Poesia e Verdade: o problema do realismo a partir de Aristóteles*, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. 104 p
- A Catarse cômica em Aristóteles* São Paulo: Letras Clássicas - USP, 2004
- Arte no Pensamento de Aristóteles*, Vitória, MVRD, 2006

[Recebido em janeiro de 2008; aceito em janeiro de 2008.]